

## A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO UMA DAS MÚLTIPLAS LINGUAGENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Lívia Maria Cardoso Macedo<sup>1</sup>  
Rita de Cássia Martins de Jesus Silva<sup>2</sup>  
Maria Paula Silva de Souza Lima<sup>3</sup>  
Luciana Muniz da Silva<sup>4</sup>  
Eny Pinheiro dos Santos<sup>5</sup>  
Cleide Maria Tavares<sup>6</sup>

**RESUMO:** A proposta do presente artigo tem como base uma discussão sobre a importância da contação de história no âmbito escolar e a influência da ludicidade no processo de ensino e aprendizagem. Para a realização da pesquisa foram realizadas diversas leituras e análises de textos, o que caracterizou o estudo bibliográfico de caráter exploratório por meio de uma abordagem qualitativa. Para tanto, a fundamentação teórica se baseia nos estudos realizados por Sisto, (2001), Jolibert (1994), Vygotsky (1994), Faria (2010), entre outros. Ao utilizar a contação de histórias em sala de aula, todos os agentes educativos partilham emoções, os alunos serão incentivados a imaginar e a serem criativos e os professores terão uma sala de aula mais feliz e produtiva. Importante dizer também que compartilham tais sentimentos na evolução da comunicação e na interação, que, graças ao estímulo da fala, ajuda a criança a dialogar com os colegas ouvintes e com os docentes da comunidade escolar.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Contação de História. Aprendizagem

## STORYTELLING AS ONE OF THE MULTIPLE LANGUAGES IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

**ABSTRACT:** The proposal of this article is based on a discussion about the importance of storytelling in the school environment and the influence of playfulness in the teaching and learning process. To carry out the research, several readings and text analyzes were carried out, which characterized the bibliographic study of an exploratory nature through a qualitative approach. To this end, the theoretical foundation is based on studies carried out by Sisto (2001),

---

<sup>1</sup> Pós-graduada em Docência no Ensino Superior pelo Centro Universitário UniCathedral. Graduada em Estética e Cosmética pelo Centro Universitário Univar.

<sup>2</sup> Pós-graduada em Psicopedagogia Educacional pela Faculdade Rio Sono. Graduada em Pedagogia pelas Faculdades Unidas do Vale do Araguaia (UNIVAR). E-mail: ritacmjs@gmail.com

<sup>3</sup> Pós-graduada em Educação Infantil/Alfabetização em psicopedagogia com ênfase na educação inclusiva pelo Centro Universitário UniCathedral. Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário UniCathedral. E-mail: mariapaula3s@hotmail.com.

<sup>4</sup> Pós-graduada em Psicopedagogia pelas Faculdades Integradas de Várzea Grande – FIV. Graduada em Pedagogia pelas Faculdades Unidas do Vale do Araguaia (UNIVAR). E-mail: lucianamunizsilva@hotmail.com.

<sup>5</sup> Pós-graduada em Educação Infantil/Alfabetização pelas Faculdade do Instituto Panamericano – FACIPAN. Graduada em Pedagogia pelas Faculdades Unidas do Vale do Araguaia (UNIVAR). E-mail: enypsantos2015@gmail.com.

<sup>6</sup> Pós-graduada em Atendimento Educacional Especializado pela faculdade Afirmativo. Graduada em Pedagogia pelas Faculdades Unidas do Vale do Araguaia (UNIVAR). E-mail: cleidetavaresmt@hotmail.com.

Jolibert (1994), Vygotsky (1994), Faria (2010), among others. By using storytelling in the classroom, all educational agents share emotions, students will be encouraged to imagine and be creative and teachers will have a happier and more productive classroom. It is also important to say that they share such feelings in the evolution of communication and interaction, which, thanks to the stimulus of speech, helps the child to dialogue with hearing colleagues and teachers in the school community.

**Keywords:** Child education. Story Telling. Learning

## 1 INTRODUÇÃO

A contação de histórias existe há muito tempo no mundo da educação, mas muitos professores ainda não descobriram o quanto as histórias podem ajudá-los a cumprir a sua missão como educadores. Porque contar histórias é uma arte milenar, presente em várias culturas e estruturada conforme o estoque de mitos que a sociedade define e produz. Ao contar essas histórias às crianças, abre-se a possibilidade de mostrar-lhes os mitos tão importantes para a construção de sua identidade social.

O contar história parte do princípio deste olhar, da necessidade de comunicação, da vontade de estar junto a outras pessoas e partilhar o sentimento que se move do coração e sai pelo olhar, da história oralizada pela palavra. Contar história hoje denota salvar o mundo imaginário (SISTO, 2001).

A contação de histórias é uma excelente ferramenta para despertar a consciência crítica e reflexiva não só nas crianças, mas em todos os ouvintes, visto que um mesmo texto pode ser interpretado de diversas formas.

Pode-se dizer que contar histórias em sala de aula é divertido, estimula a imaginação dos alunos e conseqüentemente desperta o interesse pela leitura, pois contar histórias sempre será um exercício de mudança de vida, um meio de iniciar um conteúdo novo ou até mesmo compreender o que cada aluno vem passando em sua vida pessoal.

Segundo Jolibert (1994, p.14), é lendo que nos tornamos leitores e não aprendendo primeiro para ler depois: não é autêntico tentar uma diferença, nem no tempo, nem na natureza da atividade, entre “aprender a ler e ler”. Ler é entender o sentido das coisas, por isso entender o outro. Quem lê se transforma através do sentido que as palavras produzem.

O objetivo deste trabalho é explorar a relevância da contação de histórias na educação infantil, focando na sua contribuição nos aspectos sociais e cognitivos, bem como no fortalecimento das intenções educativas e na aprendizagem das crianças e verificar as práticas

que o docente utiliza para a contação de história, uma vez que se tornou presente no cotidiano de crianças de diversas partes do mundo.

## 2 METODOLOGIA

Foi um estudo desenvolvido através de uma pesquisa bibliográfica e configura-se por meio de uma abordagem qualitativa. Essa abordagem é de grande importância, pois, segundo Godoy (1995, p. 69) “[...] proporciona um entendimento dos fatos a partir do ponto de vista do sujeito, a partir do seu estudo, trançando as informações e chegando a um entendimento”.

Segundo Minayo (2001), a pesquisa qualitativa:

Trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Aplicada inicialmente em estudos de Antropologia e Sociologia, como contraponto à pesquisa quantitativa dominante, tem alargado seu campo de atuação a áreas como a Psicologia e a Educação. A pesquisa qualitativa é criticada por seu empirismo, pela subjetividade e pelo envolvimento emocional do pesquisador (MINAYO, 2001, p. 14 *apud* DINIZ *et al*, 2013).

Dessa forma, por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, as discussões serão apresentadas ao longo do texto como citações e/ou estudos de autores que defendem a utilização da ludicidade no processo de ensino e aprendizagem. O presente estudo baseou-se em autores conceituados como Cunha (1994), BNCC (2017), Kishimoto (2006), Santos (1997), Vygotsky (1994), entre outros, para embasar e aprofundar esta pesquisa que, por meio de suas ideias e concepções, construiu-se a sua fundamentação. Segundo Gil (2008):

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (GIL, 2008, p.50).

Nesse sentido, segundo o autor, os exemplos mais característicos desse tipo de pesquisa são sobre investigações, sobre concepções que se baseia a análise das diversas posições acerca de um tema.

## 3 AS CONTRIBUIÇÕES DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O ato de contar história na educação infantil tem como enfoque permitir que a criança tenha sua própria imaginação, interação e descobertas, bem como permitir que ela seja protagonista por meio dos personagens. A história tem diversas formas de ser contada e transmitida na educação infantil e, quando trabalhada por meio da ludicidade, se torna mais atrativa e significativa para o desenvolvimento e cognitivo da criança.

Partindo da afirmação de que utilizamos a contação de história com a finalidade de incentivar a leitura, podemos falar que sentir, sonhar, imaginar favorecem bastante esse processo. Dessa forma, O processo de mediação tem um papel crucial para a formação intelectual da criança, através da linguagem, pois várias informações são transmitidas de forma que a criança possa internalizar.

A contação de histórias estimula as crianças a desenvolverem atividades mentais que ajudem a construir o significado das palavras que elas ouvem, para que, quando inseridas no contexto da história, possam, além de aumentar seu vocabulário, contribuir para desenvolver habilidades de leitura e de escrita.

As colaborações da contação de história destacam-se como importantes auxílios na formação das crianças, na compreensão e na aquisição de significado, e no desenvolvimento de habilidades de leitura. Dessa maneira, contar histórias é uma das culturas mais antigas da humanidade e que, ainda hoje, serve como um dos suportes para a transmissão de conhecimento dos mais velhos aos mais jovens. Em sala de aula, essa cultura ganhou mais força nas séries iniciais, pois é uma ferramenta lúdica utilizada para estimular a imaginação do educando, além de contribuir para o desenvolvimento intelectual e despertar o gosto pela leitura.

As crianças que ouvem histórias incorporam a atitude analítica que o contador de histórias exhibe através de comentários e da formulação de problemas durante a história, permitindo-lhes desenvolver sensibilidades críticas.

[...] o texto literário é polissêmico, pois sua leitura provoca no leitor reações diversas, que vão do prazer emocional ao intelectual. Além de simplesmente fornecer informação sobre diferentes temas - históricos, sociais, existenciais e éticos, por exemplo -, eles também oferecem vários outros tipos de satisfação ao leitor: adquirir conhecimentos variados, viver situações existenciais, entrar em contato com novas ideias etc. (FARIA, 2010, p. 12).

Acima de tudo, por estes motivos, os textos literários, especialmente a contação de histórias, são considerados uma importante ferramenta que permite aos docentes propor

momentos de atividade prática em sala de aula, motivando e gerando necessidade de leitura nas crianças, desde os mais pequenos.

A contação de histórias tem o efeito de formar as crianças em diversas áreas, contribuindo para o desenvolvimento intelectual, despertando o interesse pela leitura e estimulando a imaginação através da construção de imagens do mundo real e fictício, e ao mesmo tempo induzindo a comunicação do aluno com seus colegas, incentivando, assim, as interações socioculturais, o que coopera para a criação de laços sociais, bem como para a formação de interesse pela literatura e pelas artes.

Um trabalho minucioso com crianças, apontando ou levando-as a descobrir esses elementos técnicos que fazem progredir a ação ou que explicam espaço, tempo, características das personagens etc. aprofundará a leitura da imagem e da narrativa e estará, ao mesmo tempo, desenvolvendo a capacidade de observação, análise, comparação, classificação, levantamento de hipóteses, síntese e raciocínio. (FARIA, 2010, p. 59).

Sabemos que muitas vezes a contação de histórias não é uma atividade incentivada e valorizada, sendo esse desinteresse vindo dos próprios professores, que declaram que é uma atividade sem sentido, fazendo com que as crianças cresçam com a perda do valor das histórias. Durante muito tempo, a modalidade oral do uso da língua esteve desaparecida dentro das salas de preleção e isso ocorreu por enumeração da hegemonia de uma perspectiva que buscava conceber uma objeção entre a letra e a oralidade (LEAL, 2012).

Desse modo, os professores podem reavaliar a contação de histórias, mostrando o quanto ela é importante no desenvolvimento das crianças. Ao ouvir uma história, a criança estimula o imaginário, a oralidade, o recontar. Além disso, geralmente, desperta-se os sentimentos, a curiosidade, o participar, o ter mais autonomia, também melhora seu desempenho, sua atenção, sua concentração. Por isso, é essencial que o professor consiga realizar momentos de leitura de livros direcionados a esse público e a contação de histórias em momentos lúdicos, permitindo, deste modo, a interação de todos.

A seleção dos livros é um aspecto crucial, como já mencionado anteriormente. É importante que o contador conheça o livro e as características dele, e que o livro seja amado e apreciado pelo contador. Dessa forma, haverá uma sintonia entre ambos, o que resultará em um excelente resultado durante a contação de histórias, atraindo a atenção de todos participantes.

No entanto, é fundamental refletir sobre os sistemas teóricos que sustentam a nossa própria leitura e a compreensão do mundo, bem como criar um lugar de conhecimento empírico

sobre como a leitura infantil pode ser produzida no mundo escolar, a partir da vertente lúdica e divertida.

Antes de qualquer contação de história, é primordial que seja elaborada uma sessão para adentrar no mundo da imaginação para que o leitor-ouvinte se sinta convidado a saber sobre revelações e segredos, um momento de total confiança.

[...] Contar história é algo que caminha do simples para o complexo e que implica estabelecer vínculos e confiança com os ouvintes. Contar história é confirmar um compromisso que vem de longe e por isso, atividades relacionadas às contações de história devem ser desenvolvidas com muito critério. (CAVALCANTI, 2002, p. 83).

Num momento em que a humanidade busca meios tecnológicos na utilização do texto escrito através da pintura, da dramatização, da colagem, do som, ou seja, uma imagem que se comunique de diversas maneiras, atrair a atenção das crianças torna-se mais difícil, visto que para a contação de histórias essa prática é cada vez mais necessária, pois o momento da história desperta a expectativa de mistério e de sedução e, neste momento, toda a felicidade da criança se concretiza, pois ela entra no mundo fictício para poder enfrentar elementos que sejam reais e imaginários.

Cabe lembrar que os cinco campos de experiências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no Ensino Infantil representam uma ferramenta fundamental para orientar a atuação dos educadores, uma vez que englobam competências e aptidões fundamentais que precisam ser estimuladas de acordo com o desenvolvimento das crianças nessa fase.

Esses espaços buscam estimular o crescimento intelectual e afetivo das crianças de 0 a 5 anos de acordo com o desenvolvimento e são divididos em:

- O eu, o outro e o nós;
- Corpo, gestos e movimentos;
- Traços, sons, cores e formas;
- Escuta, fala, pensamento e imaginação;
- Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

No entanto, a contação de histórias na BNCC, prevê a contação de histórias como ferramenta pedagógica na educação infantil, especificamente, o campo de experiência “escuta, fala, pensamento e imaginação”, inserida na habilidade de interação e de comunicação (BNCC, p. 42).

Para que esses direitos sejam integralmente colocados em abordagem, é necessário que as atividades pedagógicas, elaboradas pelo prelecionador, tenham uma intencionalidade

educativa clara. Dessa forma, a aquisição de conhecimentos e a assimilação de princípios não podem tornar-se circunscritas a um curso de produção voluntário apenas. O prelecionador deve pegar, pensar e monitorizar as atividades, criando situações que permitam as interações entre as crianças e a aprendizagem.

Essa intencionalidade consiste na organização e proposição, pelo educador, de experiências que permitam às crianças conhecer a si e ao outro e de conhecer e compreender as relações com a natureza, com a cultura e com a produção científica, que se traduzem nas práticas de cuidados pessoais (alimentar-se, vestir-se, higienizar-se), nas brincadeiras, nas experimentações com materiais variados, na aproximação com a literatura e no encontro com as pessoas (BNCC, Brasil, 2018, p. 39).

Nesse sentido, as atividades que promovem a oralidade são essenciais para que os docentes consigam alvejar esse objetivo de aprendizado e de ampliação sugerido pela BNCC. A contação de histórias, por exemplo, consegue promover desenvolvimento maior na criança e conceber a efetividade a sua volta, ao próprio tempo em que permite a participação, possibilitando a ampliação da voz e da escuta, elementos essenciais para estar em comunhão com o outro. Isso, aos poucos, ainda poderá alicerçar nos alunos o partido em relação ao mundo da escrita.

Vivemos atualmente sujeitos e uma avalanche de apelos aos diversos sentidos. Luz, cor, movimento, sons e ação atraem a atenção do leitor que passivamente se entrega ao mundo “encantado” da televisão. Assim, não é fácil conquistar a criança e o jovem para a leitura de livros, embora todos saibam que a literatura pode provocar e despertar uma gama de sentidos, símbolos. (CAVALCANTI, 2002, p.84).

Os professores já sabem o que uma contação de história desempenha sobre a educação infantil. Quando não conseguem atrair a atenção, sugerem uma história e rapidamente o estudo em sala é retomado; defendendo a visão de que tal oportunidade permite a interação entre alunos e docentes, provocando o interesse pela leitura, incentivando assim a formação de bons leitores. O profissional da educação, ao se tornar contador de histórias, passa pelo ato de contar com suas próprias palavras, deixando de ser apenas uma pessoa e adentrando a um mundo que só a criança consegue compreender.

Importe dizer que é imprescindível que, ao contar uma história, o contador se envolva e transmita emoção aos seus ouvintes. Dessa maneira, ao compartilhar a narrativa, não apenas possibilita-se o acesso ao mundo literário presente nos livros, como também auxilia a criança a se tornar um leitor. Para tanto, a autora Amarilha (1997), afirma:

A linguagem e os enredos literários proporcionam à criança possibilidade de sucesso em duas dimensões. Uma, que é a subjetiva, a criança pode viver no livro aquilo que mais lhe atrai, sem receio de ser assistida, principalmente, por um adulto e pode lidar com seus problemas em tempos e espaços que são todos seus; por outro lado, mantém-se relacionada ao real, ela tem consciência de que não deixa de ser leitor. Essa duplicidade de atividade intelectual familiariza a criança com o simbólico e com suas possibilidades intelectuais dando-lhe, portanto, autoestima e identidade psicológica e social. (AMARILHA, 1997, p. 55).

Através da exposição à literatura infantil, especialmente a contação de histórias, as crianças irão familiarizar-se com a forma mais complexa de linguagem, porque esta relação com a linguagem deve ser um objetivo educacional primordial, especialmente na educação infantil. No entanto, por meio da contação de histórias, a criança pode ser levada em um espaço que desperta sua imaginação ampliando suas capacidades intelectuais e gerando possibilidades de conhecer outras histórias, pois além de ser um recurso bastante lúdico, a contação também leva a criança ao mundo literário.

O desenvolver da criança na interação com a leitura, nos direciona aos conceitos relatados defendidos pela perspectiva vygotskyana, na medida em que a comunicação entre adultos e crianças promovem estímulos, o que contribuem integralmente para o crescimento intelectual, psíquico e social, através da fala oral e dos meios escritos. A partir desse envolvimento, a criança percebe, por meio das narrativas infantis, as relações entre o mundo real e o mundo imaginário. Dessa forma, a narrativa literária tem um impacto significativo no contexto social, permitindo que ela adquira novos pensamentos e pratique novas ações. Por meio dessa interação, é viável atribuir significados e significados ao dia a dia.

Nessa perspectiva, é preciso apresentar elementos motivacionais que aproxime a criança à leitura, através da literatura infantil. Por isso, o mundo literário mostra-se como um importante instrumento que fortalece a aprendizagem da criança.

Assim, narrar histórias é uma maneira encantadora de compartilhar saberes e um grande incentivo à criatividade. Por atuar no crescimento físico, mental e emocional dos pequenos, se mostra como uma valiosa parceira da educação na infância.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste artigo destacamos a importância da contação de histórias na educação infantil, bem como a sua contribuição nos aspectos sociais e cognitivos, fortalecendo as intenções educativas e de aprendizagem das crianças.

Ouvir e contar histórias é uma atividade que pode desenvolver as emoções das crianças, ajudá-las a organizar-se e integrar-se na sociedade e facilitar o processo de alfabetização. Desse modo, a contação de histórias é considerada uma ferramenta educacional prazerosa e um apoio eficaz no processo de construção da capacidade de aprendizagem das crianças. Verifica-se que o estudo aqui desenvolvido se constitui um recurso valioso na formação dos acadêmicos, principalmente por proporcionar aos sujeitos envolvidos a oportunidade de expandir seus conhecimentos nesta área além de ajudá-los a refletir sobre a prática vivenciada.

Desse modo, compreendemos que esta maneira de contar histórias, de forma bem aprimorada, contribui significativamente e é bastante eficaz para a elaboração de textos cada vez mais coerentes e imaginativos, e que contar histórias verbalmente incentiva um melhor desenvolvimento, tornando as crianças mais propensas a sentirem-se mais criativas e capazes de superar seus próprios obstáculos na escrita. Concluimos, ainda, que a prática do professor em trazer inovação para a sua aula, procurando formas que favoreçam o ensino-aprendizagem, se torna cada vez mais conveniente ao fazer pedagógico.

## 5 REFERÊNCIAS

AMARILHA, Marly. *Estão mortas as fadas?* Petrópolis, RJ: Vozes. Natal: EDUFRN, 1997.

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR – BNCC. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf).

CAVALCANTI, Joana. *Caminhos da literatura infantil e juventude: dinâmicas e vivências na ação pedagógica.* São Paulo: Paulus, 2002.

FARIA, Maria Alice. *Como usar a literatura infantil em sala de aula.* São Paulo: Contexto, 2010.

JOLIBERT, Josette. *Formando crianças leitoras.* Vol. 1; Tradução Bruno C. Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

SISTO, Celso. *Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias.* Chapecó: Argos, 2001.

VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente.* São Paulo: Martins Fontes, 1994.